

ACONTECIMENTOS NA HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA: ATRAVESSAMENTOS ENTRE FORMAÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO

***Eixo Temático GÊNERO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS DO
TEMPO PRESENTE***

Apolônia de J Ferreira Silva¹
Roney Polato de Castro²

RESUMO

O texto apresenta discussões elaboradas a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento, cujo interesse é problematizar a formação nas relações de gênero e sexualidades nos cursos de Licenciatura em Pedagogia de três instituições federais de ensino superior, a partir de rodas de conversa com estudantes e entrevistas com pessoas responsáveis por esses cursos. No presente trabalho procuramos estabelecer atravessamentos entre algumas reformulações que compõem uma história do curso de Pedagogia e as questões de gênero nelas implicadas. Ao nos aproximarmos das perspectivas pós-estruturalistas e foucaultianas, discutimos alguns dos rastros de experiências de gênero que marcam uma história do curso de Pedagogia e que apresentam resquícios para pensar a formação na atualidade.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia; Formação Docente; Gênero.

INTRODUÇÃO

Este texto é parte de uma pesquisa de doutorado que tem como interesse problematizar a formação nas relações de gênero e sexualidades nos cursos de Licenciatura em Pedagogia presentes em três instituições federais de ensino superior: Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Ouro Preto e Universidade Federal de Juiz de Fora, a partir de rodas de conversa com estudantes e entrevistas com coordenadores/as desses cursos. Para este trabalho procuramos estabelecer um diálogo entre uma história do curso de Pedagogia e as construções de gênero que constituem

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa – UFV, apolonisilva13@gmail.com;

²Orientador. Doutor e Mestre em Educação, Licenciado em Ciências Biológicas. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, roneypolato@gmail.com.

essa formação. Nossa escrita busca uma aproximação com as perspectivas pós-estruturalistas das relações de gênero, sexualidades e educação, assim como com os estudos foucaultianos.

Pensar a constituição do curso de Pedagogia ao longo dos anos refere-se a também problematizar um processo generificado, marcado por jogos de forças e resistências. Assim, ao remeter à contextualização histórica desse curso, inspiramo-nos em Michel Foucault (2009) para pensá-lo enquanto um acontecimento marcado por rupturas e descontinuidades, à medida que passa por reformulações e mudanças no decorrer do tempo. Uma prática histórica vista a partir de certos olhares, o que não impede que possamos questionar essa história. Marshall (2008) problematiza o fato de não nos limitarmos ao passado ou considerar o que socialmente é reconhecido como grandes feitos, mas pensar também o tempo presente e os efeitos produzidos por meio do acontecimento.

Dito isso, pensar um curso majoritariamente feminino, construído para a profissionalização de mulheres (LOURO, 2013), é também perceber que somos sujeitos da história dessa graduação e que fazemos parte dela. Por outro lado, pensar o curso de Pedagogia também diz respeito a problematizar quais sujeitos essa graduação vêm produzindo, uma relação que envolve a formação docente e a formação do sujeito. Quais os efeitos do curso nesses sujeitos? Como as relações de gênero e sexualidades estão implicadas nesse processo? Quais as suas interferências em meio à formação de professoras? Assim, ao estabelecer uma conversa com a história do curso, não estamos à procura de uma única história, mas o que pretendemos é compartilhar questionamentos e incertezas.

Ao realizar uma breve contextualização histórica do curso de Pedagogia no Brasil, enfocando algumas das suas reformulações, referimo-nos a acontecimentos que instalam no país a necessidade de pensar a formação, uma formação constituída por discursos que produzem saberes e poderes. Por outro lado, ao apresentar a historicidade de um curso de formação, buscamos também problematizar os saberes e condutas que vêm construindo os sujeitos docentes.

**ACONTECIMENTOS QUE VÃO CONSTITUINDO O CURSO DE
PEDAGOGIA E A PESQUISA: QUESTÕES QUE NOS MOVIMENTAM**

Em consulta à legislação educacional, foi possível identificar que o curso de

Pedagogia surgiu no Brasil por meio do decreto de Lei nº 1.190/39, momento em que a formação para o Curso Normal sofria alterações. Talvez seja possível considerar que, neste período, a história do curso de Pedagogia se encontre marcada pela história das mulheres. Para Kelly da Silva (2011) a participação das mulheres em meio a um campo para além do doméstico, associado ao desenvolvimento industrial da época, contribuiu para a ampliação da presença feminina no mercado de trabalho. Entretanto, com isso, o curso de Pedagogia passou a ser pensado como um prolongamento das atividades domésticas.

Em um período de intensas movimentações econômicas e sociais, a presença das mulheres no espaço público, até então tomado por homens, vai aos poucos se ampliando. A docência, à medida que possibilitava às mulheres a inserção nesse espaço, ia também sendo marcada por características próximas às tarefas realizadas no lar, o que contribuiu para que o magistério passasse a ser reconhecido como uma profissão culturalmente feminina (LOURO, 2013). Com isso, chamamos a atenção para a presença de jogos de verdades que ajudaram a construir o que hoje entendemos como um curso de formação de professoras, contribuindo para a naturalização do curso de Pedagogia como um curso feminino. Filiando-nos à compreensão de gênero enquanto um organizador social, conforme destaca Joan Scott (1995), é possível pensar que, por meio dessa categoria, os sujeitos, os cursos, as funções públicas ou domésticas vêm sendo produzidas.

Scott (1995) pensa o gênero enquanto uma categoria útil de análise histórica, sendo, atravessado por aspectos sociais, rupturas e ressignificações que marcam a vida na sociedade. Logo, é possível pensar que a relação que aproxima as mulheres à docência, ou até mesmo o fato do curso de Pedagogia ser socialmente reconhecido como feminino, não é algo tomado como natural, mas foi sendo marcado por construções que perpassaram o tempo e a história que contribuíram para essa naturalização, definindo comportamentos, habilidades e funções sociais das profissionais a partir de uma diferença biológica primordial entre homens e mulheres, determinada pelo viés heteronormativo de que sexo, gênero e desejo estão ordenados como uma espécie de ‘destino’ pré-fixado no nascimento (MISKOLCI, 2009).

Nesse sentido, problematizamos a formação docente tomando o gênero como um organizador social e de subjetividades. Considerando que as relações sociais são

perpassadas pelo gênero, é importante questionar a presença de discursos que ao serem construídos e direcionados às mulheres/docentes, atribuem a elas características próximas ao ambiente doméstico. Portanto, destacamos a fabricação de um discurso de gênero que age na constituição de sujeitos a partir de um investimento na produção do que aprendemos como ‘ser mulher’ e ‘ser homem’, a partir de padrões estabelecidos por uma sociedade que define comportamentos a seguir, modos de falar e agir.

Por meio das rodas de conversa realizadas com as participantes da pesquisa que vem sendo construída, foi possível perceber que essas perspectivas de gênero mostram seus ‘rastros históricos’ nos dias atuais. Assim, em um curso de formação docente, majoritariamente composto por mulheres, as falas de algumas participantes sugerem-nos a necessidade de pensar a importância da ampliação dos debates sobre as relações de gênero e sexualidades.

Dentro de sala tinha uma professora [...] Se as meninas, [...] abrissem um pouco a perna, ela ia lá e pegava a perna delas e falava assim ‘meninas ficam de pernas fechadas’[...]. Quando as meninas iam brincar com outros brinquedos, carrinho, por exemplo, ela dizia: ‘vem aqui! Menina brinca é com boneca!’ (estudante UFV).

O relato da estudante acerca de suas vivências nos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia sugere que as instituições escolares ao construir sujeitos, ensinam meninos e meninas a se constituírem conforme as normatizações binárias, fixas e dicotômicas de gênero. Nesse sentido, as experiências de gênero que marcam a vida dos sujeitos constroem-se a partir de discursos encontrados na cultura, saberes e poderes que circulam em meio à sociedade. Assim, tomamos gênero como um organizador das relações sociais que passa a instituir processos de aprendizado sutis e naturalizados, a partir dos quais “cada um/uma deveria conhecer o que é adequado (ou inadequado) para um homem ou para uma mulher” (LOURO, 2013, p. 28).

Portanto, a fala da estudante nos remete a pensar que para uma menina o ato de se sentar com as pernas abertas ou o gosto por brinquedos culturalmente entendidos como masculinos, fugiriam às normas de gênero estabelecidas socialmente, motivo pelo qual demandaria a necessidade de correção de tais atitudes. Surge então a possibilidade da formação em problematizar as ações da professora sobre as crianças, as estratégias de poder em jogo na sala de aula que enquadram e demarcam lugares sociais, ensinando as crianças o que seria se comportar como ‘mulher’. Referimo-nos a um aprisionamento

dos sujeitos devido ao seu gênero, em que estratégias são utilizadas para a reiteração das normas que dão significados ao que é ‘ser homem’ ou ‘ser mulher’. Nosso questionamento inclui a possibilidade de pensar as vivências do estágio como experiências formativas no campo das relações de gênero que poderiam tomar um lugar de análise no curso de Pedagogia.

Retomando a história do curso de Pedagogia, nas décadas de 1960 e 70, por meio de legislações específicas no campo da educação, sobretudo do Ensino Superior, a preocupação se volta para formar trabalhadoras para o mercado de trabalho. Ao curso de Pedagogia foi dada a incumbência de “formar os especialistas em Educação, aí compreendidos os diretores de escola, orientadores educacionais, supervisores escolares e inspetores de ensino” (SAVIANI, 2009, p. 147). Mais adiante, nos anos de 1980, a busca por novas reformulações legais para o curso se tornou um marco, uma vez que a formação docente passou a ser associada à identidade das profissionais da Educação. Vale pontuar que a oportunidade dada às mulheres de exercerem a docência surge acompanhada da sua desvalorização profissional. Mesmo que professoras e professores desempenhassem a mesma função, por meio das relações de gênero, era estabelecido um tratamento distinto entre eles e elas. “Embora professores e professoras passassem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar, estabelecem-se expectativas e funções diferentes” (LOURO, 2013, p. 99). Essa racionalidade ainda pode ser percebida nos dias atuais, em que às mulheres é atribuído certo ‘dom’ de lecionar para as infâncias, associando o exercício da docência a uma extensão das atividades do lar e despolitizando as práticas docentes, já que, sendo um ‘dom’, não necessita de investimento e valorização em formação e carreira docente.

Nas entrevistas realizadas com as pessoas indicadas pelos cursos de Pedagogia das três instituições pesquisadas, foi possível identificar a presença de dois homens e apenas uma mulher. Ao considerarmos algumas das demandas trazidas pelas estudantes de Pedagogia a essas pessoas responsáveis pela condução do curso ressaltou-se a existência de “*questões muito próprias das mulheres no curso*”:

A gente tem [...] no curso de Pedagogia [...] um curso majoritariamente feminino [...]. O atestado médico por licença maternidade e a questão da gravidez[...]às vezes a aluna teve o bebê na semana de prova final [...] E aí a gente tem que fazer todo um movimento de sensibilizar os professores.

As preocupações apresentadas pela pessoa responsável sugerem-nos que o fato do curso de Pedagogia ser composto em sua maioria por mulheres faz com que a graduação precise se atentar para aspectos pouco presentes em cursos de graduação culturalmente masculinos, ou seja, tais situações não seriam tidas como um ‘problema’ se o curso não fosse majoritariamente feminino, como o fato de ter que lidar com estudantes grávidas ou alguma outra questão socialmente atribuída a um curso ‘de/para mulheres’. Tais informações podem nos dar pistas para a problematização das experiências formativas de gênero no curso de Pedagogia, que agem na constituição de subjetividades, classificando e hierarquizando os sujeitos.

Voltando ao contexto histórico do curso de Pedagogia, as reformas educacionais ocorridas na década de 1990 foram marcadas pela “necessidade da reformulação do curso de Pedagogia por meio de uma concepção de educador [...] baseada na reflexão crítica da sociedade e da prática educativa” (SILVA, 2011, p. 49). A ideia seria a busca por um trabalho em conjunto, pautado em uma gestão democrática, “fundamentada teoricamente no conhecimento da realidade, na capacidade de tratar teórico-metodologicamente o conhecimento como totalidade” (SILVA, 2011, p. 49). Mais recentemente, a partir dos anos 2000, “*A gente tem uma data [...] bem decisiva pro curso de Pedagogia*”, conforme argumenta uma das responsáveis pelo curso de Pedagogia participantes da pesquisa:

Com as diretrizes nacionais para o curso de pedagogia [...] foi um momento de grande debate sobre a formação do Pedagogo, existia ainda os cursos normais superiores nesse momento. Então, [...] a discussão que gerou as diretrizes, encaminhou para que o curso de Pedagogia fosse um curso de formação para a docência, também para a gestão, mas fortemente para a docência [...]. Talvez o normal superior ficasse com a docência e a Pedagogia com a gestão, com os que pensam a educação e não com os que fazem (Responsável pelo curso)

Neste período, vigorava a ideia de uma formação ‘generalista’ nos currículos do curso. Mediante o parecer CNE/CP nº 05/2005, assim como da resolução nº CNE/CP nº 01/2006, o curso de Pedagogia, além de ser voltado para a docência, possibilitava a atuação das suas profissionais tanto em espaços escolares quanto não-escolares, como por exemplo, instituições hospitalares e empresas.

A gente tem uma consequência dessa reestruturação fortemente ainda hoje, porque todas as reformulações que vieram posterior a isso, elas são

Mais recentemente, as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica (BRASIL, 2015), vão apontar a necessidade de uma discussão mais qualificada acerca das diversidades na educação, o que agrega a possibilidade de contemplar as questões de gênero e sexualidade. Porém, considerando o processo político que persegue e desencoraja a possibilidade dessa abordagem nas escolas e na formação, as discussões em torno da formulação da Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2017) para a formação docente da Educação Básica vão de encontro às pesquisas que ressaltam a importância de que essas questões estejam presentes na formação inicial e continuada de profissionais da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, apensar de não realizarmos uma análise documental profunda, foi possível discutir atravessamentos entre as legislações que vêm ajudando a construir a história do curso de Pedagogia ao longo dos anos e as questões de gênero. Acionar essa história é também colocar em questão a ideia de ‘formação’ que vem perpassando essa história e problematizar o gênero como organizador social e subjetivo em um curso majoritariamente feminino.

Pensar essa formação também nos remete a questionar as tentativas históricas de formulação de modelos profissionais. No caso do curso Pedagogia, persistem rastros de associações entre funções sociais de cuidado e educação das infâncias e a função docente, naturalizando o exercício do magistério com crianças como sendo atividade prementemente feminina. Entretanto, considerando a convivência entre distintos projetos formativos, desafiamo-nos a pensar nas inúmeras possibilidades de reinventar e promover discontinuidades históricas no curso de Pedagogia.

Assim, o investimento na problematização acerca das relações de gênero no currículo do curso de Pedagogia se faz necessário, a fim de romper com discursos hegemônicos que investem na naturalização de formas de ser homens e mulheres nas práticas pedagógicas escolares, considerando a escola como instituição relevante na formação dos sujeitos para a vida social e para o convívio democrático.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei n 1.190, de 04 de Abril de 1939.** Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del1190.htm. Acesso em
11 ago. 2021.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 16 ago. de 2021.

BRASIL. **Resolução nº 1, de 2 de fevereiro de 2006.** Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces01_06.pdf. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 02, de 01 de Julho de 2015.** Disponível em:
<http://www.prograd.ufu.br/legislacoes/resolucao-cnecp-no-02-de-01-de-julho-de-2015-diretrizes-curriculares-nacionais-para>. Acesso em 17 fev. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base.** 2017. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 08 de agosto de 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso:** aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Trad. Laura Prado de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina (Orgs.). **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 25-39.

MISKOLCI, Richard. Abjeção e desejo: Afinidades e tensões entre a Teoria Queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA- NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-facista.** Belo Horizonte: Autentica, 2009, p. 325-338.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14 n. 40, jan./abr. 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1995.



SILVA, da Kelly. **Currículo, gênero e identidade na formação de professores/as.**
Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2137/1/kellydasilva.pdf>.
Acesso em: 07 nov. 2018.